

DA MEMÓRIA AO SILENCIO: A EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA “Pe.” CARLOS WEISS E OS NEGROS

GABRIELA VASCONCELOS TORRES *

O presente estudo tem como tema de interesse e sua fonte de estudo a exposição de longa duração do Museu Histórico de Londrina “Pe.” Carlos Weiss, dentre o qual optamos por uma análise acerca do silenciamento do negro embora reconheçamos que outros personagens também participem do processo de formação histórica da cidade de Londrina também tenham tido suas vozes ocultadas dentro desse processo e suscitem tal tipo de discussão.

Antes de iniciarmos a discussão é necessário entender quais são os papéis dessas instituições – o museu – que o senso comum equivocadamente atribui como somente um lugar para se guardar coisas velhas ou antigas. Segundo Júnia Sales Pereira:

Os museus são instituições sociais e culturais. Ao preservar indícios da memória propõe chaves de interpretação da realidade sócio-histórica. São dessa maneira, instituições testemunhais, cenários convocados: convocantes. Como instituições culturais, os museus selecionam, conservam, expõem e pesquisam acervos patrimoniais, tornando-os chaves para interpretação e reinterpretação permanente da realidade histórica. São, dessa maneira, expressões de uma sociedade que nos convoca a testemunhar memórias, evidentemente, silenciando ou ignorando outras tantas. Os museus, tais como os conhecemos as sociedades contemporâneas, são, em grande medida o registro da eleição de histórias que pessoas, grupos e/ou nações elegem no tempo para perpetuar diante da inevitabilidade da evasão inerente a própria vivência histórica. (2008:1)

Entendemos museu nesse trabalho como um “lugar de memória” de acordo com Pierre Nora, o qual estabelece que a razão de ser de um lugar de memória é bloquear o esquecimento e prender um máximo de sentidos em um mínimo de sinais. Esses lugares são monumentos erigidos para garantirem a continuidade de uma lembrança, símbolos concretos de um passado que se quer proteger da deterioração do tempo.

O que os constitui é um jogo de memória e de história, uma interação dos dois fatores que leva a uma sobre determinação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória (...). Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história. (...) Porque se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte,

*Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Londrina.

materializar o imaterial- o ouro é a única memória do dinheiro- prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA,1993:22)

O Museu Histórico de Londrina é resultado de um projeto iniciado na década de 1960, no qual professores e alunos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FEFCLL), ficaram responsáveis de recolher objetos bi e tridimensionais que representassem a história da cidade de Londrina. Mais tarde, já na década de 1980 o museu é transferido para o prédio da antiga estação ferroviária, onde atualmente é localizado, reconhecido como uma importante referência para a memória da cidade. Desde então possui vínculo com o departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL), constituindo-se como um museu universitário. (MAESIMA,2011)

A exposição de longa duração, objeto deste estudo, é parte do projeto de revitalização pelo qual a instituição passou iniciado em 1995 e teve duração de aproximadamente quatro anos. Foi dividida em três módulos e uma espécie de prefácio localizado na entrada da Galeria Histórica. (GERALDO, GARCIA,SCALASSARA,1996:45)

Conforme ainda aborda Holtz (2013) esse processo de revitalização durou quatro anos e envolveu inúmeras pessoas e instituições de caráter público ou privado. Além de realizar reformas, esse projeto pretendia transformar seus espaços expositivos. Para tanto, buscou-se a assessoria da museóloga Cristina Bruno, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) que elaborou um diagnóstico da instituição e a partir disso um Plano-Diretor foi elaborado pela diretora do MHL Conceição Geraldo e pelas servidoras-técnicas Zuleika Scalassara e Elaine Garcia.

Seguindo a linha narrativa do autor, este informa que para esta proposta “museológica-expositiva” foram diversas reuniões com a diretora Conceição Geraldo, membros da ASAM (Associação Sociedade Amigos do Museu)¹ e em algumas oportunidades, com

¹ Em seu trabalho, Holtz expõe a história da constituição da ASAM e o perfil social de seus membros. A ASAM foi criada em Maio de 1995 por iniciativa da então diretora Conceição Geraldo para arrecadar

professores do departamento de História. Para os professores havia sido solicitado que produzissem os textos para auxiliar o trabalho da museóloga e que seriam utilizados em quadros explicativos na Galeria Histórica, mas o autor informa que por motivos de divergências entre a diretoria do museu e o Departamento de História, por meio da ASAM o escritor londrinense Domingos Pelegrini² foi convocado para redigir os textos históricos.

Nesse sentido nos debruçamos sobre o trabalho de Pollak, no qual o autor afirma que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. (POLLAK,2013:12)

Esse trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, mas não pode ser arbitrário, ele deve satisfazer certas exigências de justificação, como a coerência dos sucessivos discursos, caso isso não aconteça, “significa admitir o reino da injustiça e violência”.

Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob o risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. O que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo. (POLLAK,2013:11)

Ao longo do circuito expositivo podemos notar que o vetor conceitual sobre o qual se embasou a estrutura dos módulos foi o tema do trabalho. Contudo ao analisarmos o Plano-Diretor pode-se notar que a proposta criada procurou preservar as narrativas tradicionais sobre a cidade de Londrina. Conforme consta no documento:

recursos, por meio de parcerias publico-privadas com o intuito de dar suporte ao projeto de revitalização. O perfil da instituição dando ênfase ao passado pioneiro, incluindo os dirigentes da CTNP e aos personagens que tiveram destaque na economia e política londrinense, fez com que as elites locais se identificassem e se sentissem atraídas para o projeto (HOLTZ,2013:188-189). Cabe aqui salientar que tal constituição social teve relevante influência no perfil do acervo e da exposição de longa duração.

² Domingos Pelegrini é um escritor londrinense que já publicou vários livros (contos, novelas e um romance) cujo conteúdo sempre enalteceu os personagens considerados importantes da história oficial de Londrina. Tomazi (2000) analisa em seu trabalho um livro desse autor intitulado “O tempo de Seo Celso”, que tem por objetivo realçar o feito “epopeico” de Celso Garcia Cid colocando-o como um herói.

*Nenhum acontecimento histórico marcou tanto a vida de Londrina como todos os eventos do cotidiano que constituem o processo de colonização, onde muitas pessoas aqui realizaram seus sonhos, participaram de uma aventura e contribuíram com seu trabalho pioneiro. A riqueza acumulada com o café, a vinda dos colonizadores, as dificuldades enfrentadas, a modernização e as soluções encontradas, enfim, a memória das lutas passadas e atuais (...)*³

Como pano de fundo temos o nascimento da cidade de Londrina. Fundada em 1934, foi resultado de um empreendimento imobiliário da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), de caráter mercantilista que possibilitou o estabelecimento somente daqueles que se dispusessem a pagar pelos lotes oferecidos pela companhia inglesa.

O processo de (re)ocupação da região por meio das derrubadas da mata, a luta para vencer as dificuldades que esses primeiros tempos traziam, consolidou a figura do pioneiro e da CTNP como as referências da memória coletiva da cidade. Embasando-se nessa narrativa é que foi constituída a exposição em estudo. Embora tenha como delineamento do discurso a temática do trabalho, proposta inovadora para época em que foi concebida, acabou por reforçar a imagem do homem branco que venceu na ótica do capital, por essa razão, merecedor de ter sua imagem “imortalizada” no espaço que guarda a memória da cidade.

Esse processo de reocupação também atraiu muitos imigrantes e migrantes para a região. Porém o que se verifica é que a exposição procura valorizar somente os imigrantes de origem europeia, esquecendo os migrantes de outras partes do país que aqui vieram em busca da terra prometida por meio das imagens veiculadas pela maciça publicidade da CTNP.

Alertamos ao leitor que neste estudo preconizaremos somente a análise do segundo módulo da exposição, embora em discussões anteriores já tenhamos feito um estudo de nossa fonte de forma mais pormenorizada, abrangendo-a como um todo.

No segundo módulo, como o próprio título sugere, pretende-se tratar da emancipação política da cidade efetuada em 1934 e a transformação do território. Por meio de um

³ GERALDO, C., GARCIA, E., e SCALASSARA, Z.. Plano Diretor. Londrina: Museu Histórico de Londrina, 1996, p.21.

painel cujo título é “Organização Política e Social”, é apresentado ao visitante uma panorama da emancipação política da cidade e sua estruturação. Fotografias compõem esse painel e retratam figuras proeminentes da política local, a construção da Prefeitura. Outra imagem é a da Câmara Municipal e as obras de infraestrutura, como calçamento, luz, esgoto, redes de água e agências bancárias.

Esse módulo reflete em grande parte a política de aquisição de acervo do MHL e pela qual se baseou a estruturação da exposição em estudo. Ao distribuir vários cenários por toda a sala, abordando as profissões que a cidade em crescimento já apresentava na década de 1930, nos deparamos com cenários marcados por nomes de “pioneiros” da cidade. Na alfaiataria o Sr. Lupércio Luppi; no da imprensa João Milanez, diretor da Folha de Londrina e na joalheria o Sr. Ernesto Diez.

Holtz (2013) nos mostra por meio da reprodução de alguns trechos de documentos do próprio museu como foi feita a angariação de recursos para as obras da revitalização, dentre elas, a galeria histórica. Neles pode-se notar a relevância dada na ligação das “famílias pioneiras”, dos primeiros tempos da cidade, com a família a qual se solicitava a doação. Em troca, o museu se propunha a homenagear essas famílias:

No caso do MHL e de seu projeto de revitalização, a parceria público-privada possibilitou aos doadores mais generosos, notadamente algumas famílias e empresas vinculadas aos quadros das elites locais, a ocupar, com suas respectivas memórias, determinados espaços do museu. Ao aceitarem colaborar financeiramente na reforma de algumas salas ou na ambientação de alguns cenários da exposição de longa duração, as famílias investidoras também assumiram, com certa autonomia, grande parte de todo o processo de composição material desses espaços a elas reservados, acrescentando um certo toque familiar à cenografia museal. (HOLTZ,2013:235)

Dentro desse contexto é interessante trazer a discussão de Jacques Le Goff (1992) que em seus estudos aponta para uma “manipulação da memória” ,ou seja, quando esta pode-se tornar objetivo e instrumento de um grupo dominante. Esse autor também versa sobre a necessidade da criação de “monumentos de lembrança” para serem fornecidos à memória coletiva, como os arquivos e museus. Esses monumentos seriam instrumentos a serviço de quem estivesse no poder.

Conforme o mesmo autor, no século XX a memória coletiva desempenhou um papel significativo:

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 1992:475)

Conforme apontado anteriormente, esse “toque familiar” presente na cenografia da exposição bem como grande parte do acervo do museu, estejam eles nas vitrinas ou não, nos remete a uma questão apontada por Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (2005), na qual o ato de fazer doações a um museu de História seria uma forma de apropriação física do espaço público e uma tentativa de se imortalizar por meio dos objetos.

O museu gera, como no mercado de arte, um capital simbólico, ao estabelecer os ícones materiais (sempre ligados a personalidades através das quais inferem-se pertencimento político e econômico) de noções como distinção, prestígio, honorabilidade, antiguidade, excepcionalidade, tradição, etc. (2005: 98)

Já Regina Abreu, em “Fabricação do imortal” assinala que no mundo moderno o homem se tornou o valor central de todas as coisas, há uma espécie de sacralização do indivíduo, transformando-o em praticamente um objeto de culto.

Na medida em que o homem ganha lugar de destaque nos discursos, também aumenta a necessidade de sua permanência póstuma. A solução encontrada foi a imortalidade por meio de obras, no caso de um museu histórico, por meio dos objetos. Dessa forma isso marcaria a passagem desses indivíduos pela Terra.

Dando continuidade ao segundo módulo, outro ponto importante de se destacar é em relação a natureza das profissões, escolhidas para representar o desenvolvimento da cidade nesse período. Elas são apresentadas ao visitante por meio de cenários com seus respectivos instrumentos de trabalho, sendo eles; uma barbearia, um consultório dentário, uma relojoaria e as já citadas alfaiataria, imprensa e joalheria.

Pode-se observar que foram privilegiadas profissões de caráter tipicamente citadino, omitindo outros profissionais que também atuavam na construção da cidade, mas que

não portavam esse “status” urbano. Seriam eles trabalhadores braçais, entre carregadores/ensacadores de café, operários da construção civil, trabalhadores rurais e trabalhadores que atuavam na abertura de ruas e ferrovias, carroceiros. Profissões essas, historicamente ocupadas em grande parte por negros e mestiços.

Conforme afirma Maria Antonia Camargo Bernardi (2008), é frequente na narrativa tradicional sobre o Paraná, afirmar que o negro e o índio não tiveram relevante participação na formação do estado. Porém em diversos setores da economia paranaense a presença negra está registrada. Segundo consta ainda em seu trabalho, o escravo africano trabalhava na colheita de mate, criação de gado, cultivo de lavoura de subsistência, extração de madeira, trabalho doméstico, transporte de cargas e mercadorias, construção e aberturas de caminhos e estradas, alugando seus serviços nas cidades ou executando ofícios de artesanato.

Em relação ao norte do Paraná a mesma autora afirma que a maioria dos negros que aqui se estabeleceu, trabalhou como carregador ou ensacador de café. “Eram trabalhadores braçais, mas tinham bons salários. Tinham dinheiro no bolso, mas não tinham espaço para atuação social”. (BERNARDI,2008:38)

Chamamos a atenção em relação a um recorte de jornal presente em uma das gavetas da vitrina desse modulo, ocupada majoritariamente por objetos médicos e hospitalares. O recorte em questão é a pagina 39 do Álbum do Município de Londrina de 1938. Nesse recorte temos fotos dos médicos que atuavam na região, dentre eles o Dr. Justiniano Clímaco da Silva, conhecido popularmente como o Doutor Preto.

Esse profissional é representativo de uma espécie de “elite negra” de Londrina, que seriam os negros que conseguiram “vencer” na sociedade brasileira, superando as adversidades, dentre eles, médicos, advogados, engenheiros. Contudo constitui um exemplo concreto da participação do negro no processo de formação da cidade, já que grande parte da presença dos negros só pode ser constatada nos relatos dos descendentes dos primeiros negros que chegaram à cidade e em fotografias dos álbuns das famílias.

Michael Pollak afirma que em uma sociedade, há inúmeras memórias coletivas. Se elas se articulam bem com a memória dominante são apropriadas, caso contrário, viram memórias subterrâneas só acessíveis por meio da história oral.

Observou-se a existência numa sociedade de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade. Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas, ao contrário das memórias subterrâneas (...) Fora dos instrumentos de crise, estas últimas são difíceis de localizar e exigem que se recorra ao instrumento da história oral. Indivíduos e certos grupos podem teimar em venerar justamente aquilo que os enquadradores de uma memória coletiva em um nível mais global se esforçam por minimizar ou eliminar. (POLLAK.1989:13)

O Dr. Climaco também constitui um exemplo de migração, muito comum na formação da população e ausente na exposição. Natural da Bahia veio a Londrina em 1938, atraído pelas propagandas da CTNP e por relatos de que a população passava por epidemias que faziam inúmeras vítimas. (SILVA, M; PANTA,M,2010:19)

Uma de suas marcas foi o atendimento a pessoas carentes e sua participação na construção da Santa Casa, onde atendeu gratuitamente no Pronto Socorro por muitos anos. Chegou também a atuar como professor, qualificado com o título de Bacharel em Ciências e Letras, além de falar Alemão e Francês. Teve forte atuação na Associação médica de Londrina, onde foi sócio fundador em 1941. Atuou na política e foi eleito deputado estadual pelo PSD (Partido Social Democrático), partido que elegeu o presidente Eurico Gaspar Dutra. Climaco foi o quinto mais votado do Paraná e primeiro eleito por Londrina. Na sua gestão como deputado criou um hospital de tuberculosos onde atualmente é o Hospital Universitário. (SILVA, M; PANTA,M,,2010).

A partir do exposto, podemos inferir a existência de uma estratégia de branqueamento da população, está acompanhada uma tendência nacional no período. No artigo “O pioneirismo negro no norte do Paraná: Justiniano Clímaco da Silva, o Doutor Preto” (PANTA et.al.:2010), as autoras assinalam para essa provável influência na reocupação da cidade:

A característica da colonização de Londrina pode ter sido influenciada pela ideologia de branqueamento da população brasileira, institucionalizada legalmente por Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei 7.667, em 18 de setembro de 1945, que regulava a entrada de imigrantes no Brasil de acordo

com a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia. As políticas de branqueamento implementadas no Brasil buscavam restringir qualquer forma de crescimento da população negra (NASCIMENTO, apud PANTA et.al, 2010:1464).

Entretanto, de acordo com Brandino de Oliveira pequenos e médios trabalhadores paulistas e mineiros, na sua maioria, foram os mais atraídos pelas propagandas da CTNP e utilizaram os poucos recursos que detinham para comprar pequenos lotes de terras, realizando o sonho de serem proprietários, muitos dos quais eram meeiros e empregados nas fazendas dos estados de São Paulo e Minas Gerais; estados com índices elevados de negros e mestiços. (OLIVEIRA, 2002: 69) Isso nos leva a crer na existência de uma tentativa de “esconder” o negro do processo de formação de Londrina, ou seja, na produção de um silêncio a respeito da participação desse brasileiro no processo de criação da cidade desejada pelas elites.

Referências bibliográficas:

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Lapa, 1996

BERNARDI, Maria Antônia. **Concepções sobre o preconceito e discriminação e a contribuição do negro na construção da história de Londrina**. Caderno Pedagógico do PDE. Londrina, 2008.

DA SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana. **O Doutor Preto, Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina**. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

GERALDO, C., GARCIA, E., e SCALASSARA, Z.. **Plano Diretor. Londrina: Museu Histórico de Londrina**, 1996.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**. Tese (Doutorado em História)- UNESP, Assis, 2003.

LIMA, Sonia Ferraz de, CARVALHO, Vania Carneiro de. **Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transferência do privado**. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves, VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). Belo Horizonte: Ed. Argumentum; Brasília, DF: Cnpq, 2005.

MAESIMA, C. **Noções de arquivística e organização de arquivos históricos**. In: HAHN, F. & MEZZOMO, F. *Nas malhas do Poder: história cultura e espaço social*. Campo Mourão: editora Fecilcam, 2011

MENESES, Ulpiano T, Bezerra. **A exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves, VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). Belo Horizonte: Ed. Argumentum; Brasília, DF: Cnpq, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto-História. N. 10. São Paulo: PUC/ SP, 1983

OLIVEIRA, José Donizete Brandino de. **O mito da Democracia Racial: Um olhar sobre os movimentos negros em Londrina- 1940-1990**. Dissertação de Mestrado em História. UEL, Londrina.2002.

PEREIRA, Júnia Sales. Aprendizagem histórica como prática social: lições poéticas e éticas em": **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Educação em Revista, n. 47, p. 299-303, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.2, n. 3, 1089, p.3-15.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. Aos Quatro Ventos, 2000.

